

Oferta de
Jorge A. Osório

Porto Académico

· ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DO PORTO ·

POLÍTICA ACADÉMICA · CULTURA · INFORMAÇÃO ACADÉMICA
· · · · · ARTE · LITERATURA · · · · ·

EM VÉSPERAS DE ABALAR



O A. Director

ORFEÃO ACADÉMICO DO PORTO ■ 1928

A N O V I

director: JOAQUIM MOREIRA
editor: CARLOS S. HENRIQUES
admin.: RAUL F. GONÇALVES

N.º 4

assinaturas: cada série de
três números, 1\$50 — vende-se
avulso na sede da A. A. P.

IV SERIE

E C O S

A TENDENCIA
DO PROGRESSO

E C O S

■ O MESMO aluno da F. de S. que nos havia escrito chamando-nos a atenção para o *defumadoiro* de livros da Biblioteca da sua Faculdade, escreve-nos agora o seguinte:

«Tivemos a madureza de visitar as várias obras encetadas, para as diferentes escolas do Pôrto.

Começamos pela Fac de Engenharia, visitamos a Maternidade, Liceus Alexandre Herculano e Rodrigues de Freitas, o já tão encantado *Palacete do Brasileiro* e viemos acabar nas obras de S.ta Engrácia da Fac. de Ciências...

Já se deram ao trabalho de visitar o Laboratório F. da Silva? Aquilo sim, tem levado tempo mas um dia que acabe há-de ficar obra perfeita.

Até lá, os desgraçados alunos que dele se utilizam, continuarão a ouvir o camartelo que ora levanta ora destrói aquela *magnífica escada*, e continuarão a levar para casa os fatos empoeirados, ou sarapintados com aquela tinta vermelha, que os pintores pouco cuidadosos oferecem aqueles que penosamente vão verificando se o sulfato de cobre é ou não solúvel na amónia.

Que as obras terminem depressa e que até lá, se deem acomodações necessárias áqueles que por «dever do ofício» são obrigados a utilizarem-se dos laboratórios, é um pedido que nós fazemos a quem neles superintende».

■ UM incidente «carnavalesco»:

Como todos sabem não era permitido atravessar certas ruas, durante as tardes de domingo gordo e dia de carnaval, senão em determinados pontos e quando a policia entendesse conveniente. Acontecia que, nesses pontos, se aglomeravam os que esperavam ordem para passar.

Encontrando-se nestas condições, o nosso caro J. R. teve a *infeliz* ideia de, deixado levar pelo seu espirito brincalhão, começar a pedir a S. Pedro que abrisse as portas, que naquela altura não eram as do céu... Então vem um desconhecido a recomendar mais «cautelinho com a lingua» e, como era natural, J. R. respondeu o que qualquer outro responderia: não lhe reconhecendo autoridade para observações. Pois tanto valeu para que o ilustre desconhecido lhe apresentasse o seu cartão de identidade, ao mesmo tempo que lhe dava ordem de prisão, porque afinal era um policia á paisana.

J. R. passa algumas horas no Aljube, paga 130 escudos de multa e fica sabendo que nunca mais se pode discutir com nenhum desconhecido que se meta comnosco porque... pode ser um policia á paisana!...

H U M A N O

Não há, por certo, estudante algum a quem este problema não tivesse já acudido ao espirito, deixando-lhe ficar uma fatal impressão de *coisa impossível*, quanto á complexa e emaranhada forma de descobrir a sua misteriosa incógnita.

E essa impressão é tam legítima quanto é certo que desde longa data teem os filósofos procurado atingir ou conceber essa Tendência, quer por conclusão geral tirada dos factos particulares que se observam na Marcha do Progresso Humano, quer por dedução ou consequência desses factos.

Uma lição de História Económica foi inspiradora deste artigo.

Tentarei portanto reproduzir a sùmula dessa lição, certo de que isso aproveitará aos estudantes que lêem o «Porto Académico», satisfazendo assim, este jornal, um dos objectivos a que visa.

A evolução progressiva da Humanidade, é um facto insofismável e evidente, não obstante as pressões de vulto a que está sujeita, conseguindo por vezes entravá-la e até fazê-la retrogradar, abandonando, por períodos felizmente de curta duração, os logares que anteriormente conquistára mas que em breve recupera, para continuar a sua interrompida marcha, no longo caminho que conduzirá por rumos ainda mal visionados.

Nesta evolução porém, obedece o Progresso a leis imutáveis, descobertas depois de largos anos de contínua observação, das quais uma das mais importantes é sem dúvida a «Lei da Continuidade» também chamada «Lei da Uniformidade», que estabelece como doutrina, a *uniformidade da Natureza*, a *continuidade dos seus processos* e a *constância* das suas leis.

A própria lei de Lavoisier pode ser aplicada á vida social com a seguinte e sintética forma:

«A Evolução é Transformação e não nova Criação».

Tomando para base das suas teorias as considerações que vimos de expor, os mais célebres filósofos teem, como atraz ficou dito, procurado divisar a «Tendência do Progresso Humano» justificando as suas previsões, pelo rumo que o Progresso tem seguido, segundo a observação de cada um.

Assim Hegel, Fichter e Michelet, sustentam que o objectivo do Progresso é a Liberdade.

O filósofo alemão Schelling, vê o problema com uma solução um pouco mais complexa, entendendo que a har-

■ ACABOU-SE o Carnaval, com grande pesar para aqueles que gostam de se divertir, e não menos satisfação de todos os *papás* que deitam contas aos cobres dispendidos.

O cortejo carnavalesco que uma comissão de estudantes organizou, e que mostrou bem o que pode a vontade de alguns contra todas as contrariedades, foi recebido com entusiasmo por uma multidão como não se tem visto em anos anteriores.

■ TEMOS em nosso poder um artigo sôbre assuntos que se prendem com o cortejo carnavalesco deste ano. Por motivos estranhos á vontade de quem o escreveu, só muito tarde é que chegou á nossa redacção, de modo que já nos era impossível publicá-lo.

monia entre a Liberdade e a Necessidade, constitue o alvo do Progresso.

Kant, admite em princípio a Liberdade como finalidade do Progresso, logo que o desenvolvimento moral do Indivíduo, seja de molde a poder-se libertar da Natureza, prognosticando ainda o estabelecimento da «Justiça Universal».

Flint, Herder e outros filósofos e economistas célebres, entendem que o rumo do Progresso será o da «Fraternidade Universal», que hoje também apontam sob o qualificativo de «Solidariedade Económica», o que acarretará, sem dúvida, a Unificação da Humanidade.

Wells vaticina a criação dum «Super-Estado Mundial» considerando isto o desiderato do Progresso. (*)

*
Não pretendemos, de forma alguma, como é evidente, apresentar uma opinião própria; mas sim, pelo exame consciencioso e imparcial feito ás opiniões dos consagrados filósofos que acabamos de mencionar, tirar uma ilação que se nos apresenta flagrante: — Com efeito, nenhum destes filósofos se contradiz, pelo contrário, as suas opiniões completam-se a nosso ver, formando assim aquilo que sinteticamente deve constituir a verdadeira tendência do Progresso Humano: — *uma maior Fraternidade e uma mais ampla Justiça*.

J. VIEIRA COELHO.

(*) Estas aspirações já não são hoje meras utopias; haja em vista, o Tribunal Permanente de Justiça Internacional da Haia, vaticinado por Kant e a Sociedade das Nações, realidade mais ou menos aproximada da idealização de Wells.

ECOS DUMA EXCURSÃO AOS AÇORES

As Furnas — vale das Furnas na ilha de S. Miguel — são chamadas Bocas do Inferno. De facto é de tal modo densa a fumarada que só aproximando-nos muito é que conseguimos ver as nascentes — ás vezes nem assim o conseguimos — e o barulho da água fervente com o cheiro a enxofre dão nos a ideia de qualquer coisa verdadeiramente infernal.

Ocasões há em que a produção de gazes é muito mais acentuada, e as Furnas se tornam furiosas... diz o povo que quando dá Nordeste. E' possível que o vento Nordeste levante o mar e que a água, por trajectos subterrâneos, vá excitar a luta titânica e eruptiva que felizmente está em vida latente e oxalá se extinga depressa. Quando sopram os ventos de Este, ventos sêcos, parece que a terra diminua a permeabilidade, os vapores não se desprendem tão facilmente, o que talvez explique a coincidência de as Furnas serem sacudidas por pequenos abalos scísmicos.

Não vi o aspecto do Vale das Furnas do cimo da ladeira do Galego porque infelizmente um denso nevoeiro não nos deixou disfrutar o panorama; mas calculo bem como esse aspecto deve ser lindíssimo.

No Vale das Furnas, o solo é dum modo geral ubérrimo e fecundo, mas no meio de tanta fecundidade veem-se porções de terreno, amarelado, sulfuro-

AS BOCAS DO INFERNO

(A M. D. G)

so, completamente estéril, desprendendo-se do chão nuvens espessas que saiem de buracos donde jorra água a 98°. A estes buracos é que o povo chama Bocas do Inferno; eu chamalhe ia respiradores do Inferno.

*

Diz Virgilio: «descer ao Inferno é fácil, mas sair de lá é difficil». Devo confessar que descí ás Furnas não com muita facilidade, dada a inclinação da ladeira e o mau estado do tempo; custou-me sim sair de lá... porque ao lado das Bocas do Inferno se encontram pedaços do Paraíso.

Perto dos vapores mefíticos, há o perfume das rozas. A' beira do susurro da água fervente há o doce murmúrio de regatos de água fresca, verde n'alguns pontos, côr de ouro (pedras douradas) noutros, regatos de água pura e límpida, que sulcam a terra completamente alheios do drama enorme que ali bem perto d'elles se passa.

Insensivelmente fugimos das Bocas do Inferno e procuramos as árvores, as ruas ajardinadas, as flôres, fa-

zemos por esquecer os ruídos trágicos da terra, queremos ar, ar puro livre das emanações sulfurosas, e os nossos olhos desviam-se daquelas nuvens espessas que se desprendem constantemente do chão amarelo e estéril, indo procurar a terra escura que em todas as primaveras floresce, que receba da mão do sementeiro a semente abençoada para a transformar em pão; procuramos a terra dócil e bendita, que o lavrador ajeta e governa sob o olhar do Senhor.

Ali ao lado das Bocas do Inferno... a terra de Deus, o Paraíso.

Eis porque me custou a sair do Vale das Furnas, porque daquelas caldeiras de Satanaz transitei para o vale florido e ajardinado; e ainda porque senti pulsar bem junto a mim o coração daquela gente boa e bela na expressão da sua singeleza, e grande na sua humildade.

*

O que eu quiz esquecer em vão, foram os ruídos subterrâneos; tenho-os ainda nos ouvidos e parecem-me uma ameaça constante.

Confesso que é qualquer coisa de superior esta manifestação trágica das grandes evoluções cósmicas.

Açores, Abril de 1927.

L. DO CANTO MONÍS

UMA DISCUSSÃO (FÁBULA)

A sombra duma oliveira atarracada, único abrigo do sol num outeirinho erguendo-se da planície, estavam palestrando um cabrito e um carneiro.

Dizia o cabrito petulante ao companheiro pacato: «que lindo sitio este! Que pena não podermos, como os homens, pintar este trecho de paisagem, que daqui avistamos! Eu, se fôsse pintor, pouparia as meas tintas, que deixaria para o sábado se para isso houvesse tempo. Gosto muito de côr, muita côr; esta é que faz o quadro, que o desenho quasi não vale nada. A Natureza para nos dar o presente quadro não precisou de aprender desenho».

— «Estou de acôrdo — replicou o carneiro — cá para mim, porém, o espirito é que é tudo. Penetrar no espirito do modelo é o que mais me interessa, porque raspando-se a matéria, o que fica é só espirito. E o modelo não é mais do que uma enciclopédia rítmica de rectas e curvas, deante do qual o artista tem de se renovar todos os dias».

A oliveira quiz meter também o seu bedelho e safu-se com esta:

— «Superior à pintura, nada há como a fotografia, que dispensa todo o desenho e todo o espirito. O caso é dispor de uma boa máquina».

— «Ora adeus! — diz o carneiro, seráfico e melifluo — a fotografia não traduz a emoção do artista, não faz transparecer o espirito do modelo!»

Por sua vez o cabrito replicou: «Eu cá entendo que pintar é traduzir em côres ou o que se imagina ou o que se observa. Desde que se concebe uma idéa, por mais abstracta que seja, as tintas devem representá-la muito melhor do que a palavra falada ou escrita».

— «Afim de contas — torna o carneiro — todos os processos de representação de uma idéa, ou de uma coisa, tendem para a espiritualização dessa idéa ou dessa coisa. Sempre o espirito, sempre esse *quid* impalpável a presidir a todas as manifestações da arte, como emanações da própria natureza. Se eu pintasse, não me importava de modo algum com a forma material do que concebesse ou do que visse; todo o meu proposito era dar dessa concepção ou do que me tivesse impressionado o seu espirito, a sua alma».

— «Mas — diz de lá irónicamente a oliveira — ó carneiro, se você fôr

capaz de me mostrar um quadro representando o feitio da minha alma, dou-lhe todas as azeitonas que produzir».

— «Quanto a mim — volta de novo o cabrito — o espirito da pintura está no que ela possa render de escudos, por mais suja que ela seja, e tudo o mais são lérias. Agora já sei porque você, carneiro, está cada vez mais pelado. E' o espirito que faz esforços para aparecer à luz do dia, e vai assim encalvecendo-o».

O carneiro, maguado com a piada à careca, retorquiu então:

— «Você, cabrito, há-de ter sempre o instinto da brocha. Se você fôsse homem era de certo um trôlha afamado»

A oliveira pachorrenta, que foge sempre de disputas ou duelos, vendo os ânimos em princípio de exaltação, acudiu logo com a sua *verve* faceta, dizendo aos corníferos cavaqueadores que a paz, cujo símbolo era, devia reinar constantemente entre os animais, que deixariam para os homens as arremetidas grosseiras, os insultos descabidos, a alusão insidiosa, a torpe mentira e ainda peores pecados que colocam a humanidade muito abaixo dos seres lanzudos e pacíficos.

EUSÉBIO LEÃO.

Personagens: Cabrito (José de Brito); Carneiro (António Carneiro) e oliveira (Guedes de Oliveira)

Pôrto, 27 de Fevereiro de 1928

O «Porto Académico» não se obriga a sair em datas determinadas, mas procurará publicar-se tres vezes por mês. Em férias interrompe a publicação.

Porto Académico

ORÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DO PORTO.

Submetido á Comissão de Censura

Red. e Adm.-Rua S. Bento da Vitória, 10-1.º (sede da Associação Académica do Porto)-Comp. e imp.-Tip. Nunes & Rocha-R. Passos Manuel, 198

O ORFEÃO ACADÉMICO ■ VAI A BARCELONA ■ CONSTITUINDO ■■■ EMBAIXADA UMA VERDADEIRA ■■■ INTELLECTUAL

Chegou o momento de se poder fazer afirmações concretas

Nunca nos agradou esse processo, tantas vezes usado, de atirar para público afirmações que não podem ser garantidas, nunca gostamos de animar as gentes com promessas de cartaz.

E é por isso mesmo que o *Pôrto Académico* não tem feito *barulho* com o projecto, de há tempos anunciado, de uma excursão a Barcelona pelo nosso Orfeão.

Não porque nos deixasse de merecer confiança o esforço dos seus directores, que tão afincadamente veem trabalhando, mas porque para nós não é segredo nenhum o sem número de dificuldades que a todo o passo se levantam, impedindo o bom êxito de empreendimentos de tal natureza, por maior dose de boa-vontade que tenha sido dispendida.

Mas o que era uma aspiração passou a possibilidade quando foram encetadas as negociações, em breve se tornou probabilidade, e já hoje é uma certeza. Eis porque dizíamos que já podem ser feitas afirmações concretas.

O que a seguir temos o prazer de anunciar, é baseado em informações seguras que nos são fornecidas pelo próprio presidente da direcção do O. A.

Como todos podem verificar, pela maneira como essas informações são dadas, teve se o cuidado de afirmar categoricamente aquilo que é ponto assente, e dar o cunho de pura possibilidade aquilo que ainda não está inteiramente resolvido. Esse escrúpulo da parte da Direcção do O. A. consigne torná-la ainda mais merecedora da nossa inteira confiança.

A primeira apresentação em público do Orfeão e Tuna faz-se no

Teatro de S. João, desta cidade, no dia 22 de Março.

No dia seguinte parte-se para Coimbra, tendo logar no dia 24 a primeira apresentação do O. A. P. ao público dessa cidade.

No dia 28 (?), novo concêrto no nosso S. João.

Possivelmente, no dia 30 dá-se um espectáculo no Teatro circo de Braga.

Nos primeiros dias de Abril ir-se-há a Lisboa, se fôr possível arranjar Teatro para essa data, o que até hoje não se pode garantir.

Ái pelo dia 10 de Abril terá logar a grande abalada para Barcelona. Por mar? Por terra? Ainda não está inteiramente resolvido, porque ainda não terminaram as negociações com uma companhia de navegação.

Se a viagem for por terra — e diga-se entre parêntesis que a C. P. já concedeu uma redução de 50% nas passagens — evidentemente que não será directa e dar-se-hão alguns espectáculos em cidades espanholas que já estão mais ou menos escolhidas. Se for por mar, tudo depende dos pontos em que fizer escala o barco que nos conduzir, e da respectiva demora.

Em Barcelona, devem ser em número de cinco os espectáculos a realizar no grande *Palácio da Música Catalã*, a melhor casa de espectáculos da cidade condal, propriedade do *Orfeão Catalão*, que está interessado na nossa visita.

Como é natural, foi oficiado a várias entidades catalãs, e de entre as respostas recebidas merece destacar-se uma carta da *Federação Catalã dos Estudantes Católicos*, exprimindo o vivo entusiasmo com que ali seremos recebidos.

Como se pretende, e muito bem, dar à excursão um nítido cunho de embaixada intellectual, espera-se a resposta do Senado Universitário a um

ofício que se se lhe enviou, no sentido de, por intermédio dessa entidade, serem indicados os professores que queiram acompanhar o Orfeão, representando a Universidade do Pôrto.

Independentemente dêste convite, outros poderão ser feitos e muito desejariamos ver partir connosco o grande poeta que é Teixeira de Pascoaes, bem conhecido no meio intellectual catalão, especialmente atravez das suas poesias líricas traduzidas pelo grande amigo das letras portuguesas que foi o poeta F. Maristany.

Por outro lado, já acedeu ao convite que lhe foi feito, no mesmo sentido, o professor Dr. Leonardo Coimbra, e não é preciso salientar a importância que tal facto reveste, dado o grande prestígio do ilustre pensador.

As excursões desta natureza, empreendidas pela Academia do Pôrto, tem sempre a caracterizá-las a correcção com que esta se apresenta.

Exemplo bem recente do que afirmamos, foi dado por esse grupo de estudantes que, está para fazer um ano, foi de visita às nossas Ilhas adjacentes.

Pois é com correcção que o nosso Orfeão se pretende apresentar nova-

mente em terras estrangeiras, medindo bem a responsabilidade que tal passo representa.

Por isso mesmo vão entrar em mais intensa actividade os ensaios do Orfeão e da Tuna.

Sabe-se muito bem o sacrificio que isso representa para os executantes e regentes, mas assim o exige o brio duma Academia.

E estamos certos de que, tal qual os que foram a Madrid, também nós, ao regressar, poderemos contar as maravilhas duma despedida com lenços e capas acenando, impregnados de saúde!...

Já depois de composto o que acaba de ler-se tivemos o prazer de ver entre nós o presidente do Orfeão Académico de Coimbra, Matos Braz, que é também o director do belo jornal académico *MOCIDADE*.

Pelas suas declarações, tudo leva a crer que, apesar de não ser dos melhores o dia escolhido para a nossa visita a Coimbra, uma carinhosa recepção nos está reservada naquela cidade.

MOCIDADE publicará então um número especial dedicado a êsse acontecimento.

SONETO DA DESOLAÇÃO

*Máguas, soluços, dores, quanta agonia
Dentro em meu coração não tenho visto,
Do Amor escorraçado como Cristo,
Eu que só vi no Amor a luz do dia!*

*De tudo o que eu sonhei, resta só isto:
Ruínas e silêncio!... A cotovia
Que em mim cantava um hino de alegria,
Morreu de mágua e nem eu sei se existo!*

*Sou como o vento, como um traço ao vento!
Clamo e ninguém responde ao meu lamento,
Já ninguém me conhece! A minha dor,*

*Esta sinistra dor que em mim assiste,
Nem tu, meu coração, sabes que existe,
Tu que ainda crês na Vida e crês no Amor!*

■ LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA ■

A COLABORAÇÃO LITERÁRIA É SOLICITADA

RÉCITAS ACADÉMICAS ■ TRADIÇÃO PERDIDA ■ UM VELHO COS- ■■■ DEVIA FAZER TUME QUE SE ■■■ RESSURGIR

O meio académico do Pôrto — gostosamente o registo — atravessa uma esclarecida fase de consoladora e fecunda actividade

Libertou-se de comodismos estéreis, deitou para longe as grilhetas da inacção, reconhecendo, finalmente, — numa rajada de benéfica inteligência — que o seu prestígio e o seu bônimo necessitavam de alguma coisa que os defendesse e os sustentasse. Não é, na verdade, repousando no delicioso, mas inútil e improdutivo afôramento das atitudes passivas, — do vulgaríssimo *não-te-rales* — que se atingem as altas finalidades.

Mas, como acima digo, a Academia do Pôrto dêsse modo o compreendeu. E', assim, que todos nós assistimos, jubilosos, ao ressurgimento do Orfeão e á revivificação da Tuna — organismos artísticos que pletorizam de glória a nossa Academia —; á campanha que o «*Porto-Académico*» vem sustentando, em prol da oficialização da nossa Associação, — ideia que, uma vez realizada, muito nos beneficiaria —, etc., etc.

Observa-se, pois, — é evidente — um desejo enraizado de voltar, de novo, áquela actividade que deve caracterizar a nossa juventude irrequieta, indomável, e que — sobretudo — é preciso que exista.

Antes assim. Porque a observação dêste agradabilíssimo quadro sintomático, leva-me a esta conclusão que deve encher de febril entusiasmo e de intenso júbilo a alma de todos nós: — a nobre Academia do Pôrto procura reatar as suas antigas e gloriosas tradições, tentando novas corôas de louros!

Ainda bem. E digo ainda bem, porque aquilata-se, actualmente, do valor duma Academia, não apenas pelo seu grau de educação scientifica, mas também pelos seus «valores» artísticos e literários.

A multiplicidade de conhecimentos impõe-se, embora haja uma especiali-

zação num determinado campo, como aliás não poderia deixar de ser. Mas, como digo e repito, é absolutamente necessário que a labareda de actividade cerebral se não esgote apenas na aquisição de conhecimentos que os Mestres nos ministram. Urge mostrar que, a par dos «valores» existentes nesse território de acção, ha também outros, adentro da nossa Academia, que, actuando nos campos artistico e literário, são capazes de se imporem — modestamente, sim — mas com galhardia, justeza e segurança.

E a propósito, focando a apatia incompreensível dum desses «valores», sugere-me perguntar, tal como o fazia Mario Fontalva na secção de teatro dum dos últimos números do conhecido e bem feito jornal académico «*Mocidade*»: — porque razão não fazem os estudantes do Pôrto as suas récitas de despedida, como era uso há anos, e como o fazem, normalmente, os académicos de Lisboa e Coimbra?...

A interrogação é fácil, mas a resposta é difícil. Pelo menos, não me parece que haja quem a ela se digne responder, com o que muito fôlgaria... O facto, porém, é que, pondo de lado esse costume de altíssimo valor, os estudantes do Pôrto deixam — lamentavelmente — de vincar e de frizar uma belíssima nota de Arte, que só os eleva aos olhos de toda a gente.

O enigmático abandono a que foi votada essa tradição tão agradável e de tanta importância para a definição artistica duma Academia, não deve por mais tempo subsistir. Os «valores» literários — toda a gente sabe — se não abundam como os cogumelos, entre nós, existem, todavia, em número suficiente e constantemente renovados, de modo a permitirem a realização de tais espectáculos. Porque deixaram êles, então, de se realizar?!

Não acho bem que tal suceda. E não seria mau que nesta onda de consoladora actividade que ora se nota, alguém tomasse a bela iniciativa de

NO BALCÃO DA ARTE

■ NOTAS DE ITÁLIA ■

Um museu italiano deveria colocar na porta, ao lado do preço da entrada, o letreiro característico do «hoje há tripas» da nossa terra, para melhor avisar o visitante do preço fabuloso do piteu que lá dentro em nome da arte se serve ao balcão, a preço fixo e menú constante.

Desde duas a dezoito liras paguei eu por diversas entradas em museus de Veneza, de Florença, de Roma e muitos outros, aos quais não nego o valor *tremendo* das riquezas que encerram, mas que mais me pareceram amplos armazens de grosso e de retalho de que museus propriamente ditos, de arte para todos, ao alcance de qualquer bolsa e para todos os olhos nacionais e estrangeiros.

A Itália orgulha-se do título de mãe da arte. A Itália proclama aos quantro ventos a magnificência dos seus museus e das relíquias do seu passado; mas esquece-se de publicar a tarifa, de mostrar a tabela exorbitante dos seus artigos, tornados fonte de receita do Estado e farto manancial de proveitosas rendas.

Ao artista pobre, ao artista que comete o crime de possuir talento em vez de liras, a Itália fecha as portas dos seus museus, ladrando-lhes a sua miséria e escarnecendo o seu talento.

Ao milionário estrangeiro, ao turista que pag, ao americano que escarra dollars, ao inglês que cospe libras, os museus italianos abrem as suas portas com uma hospitalidade que comove... e que rende infalivelmente...

Dezoito liras para entrar num museu é alguma coisa que cheira a burla, que sabe a mercantilismo descarado num paiz que se orgulha de amamentar a arte desde os cueiros, conservando a pura e limpa, entre brocados e rendas, como um mimo nacional indiscutivelmente grandioso.

Em Milão, para se subir aos pináculos complicados daquela montanha

fazer renascer as tradicionais récitas de despedida dos estudantes do Pôrto

Já não quero falar na realização de outras récitas adequadas a certas datas, como, por exemplo, o carnaval, etc.

Mas que se realizem ao menos as do fim-de-curso, para que não tome corpo a mentirosa e depressora ideia de que os «valores» literários da nossa academia desapareceram totalmente, — como róis de fumo em dia de vendaval...

Porto — Fevereiro - 928.

ACACIO DA SILVA TAVARES.

espinhosa do «Duomo», paga-se quasi degrau por degrau na razão directa das alturas.

Cá em baixo, no lagêdo frio da nave um padre oficia em nome de Deus, vergados os crentes aos pesados fardos dos pecadinhos, enquanto lá em cima, mais perto do Ceu, mais leve se torna a alma das podridões do mundo. Mas para chegar áquelas alturas visinhas do Ceu, por intermédio duma igreja, paga-se lira por lira numa ascensão divina, materializada, tarifada, com um «bar» a certa altura, para o crente afogar numa caneca de cerveja os seus pecados mundanos, refrescando a guela e o espírito...

Em Pisa, a torre inclinada sofre das mesmas vertigens monetárias...

Só nas igrejas não há tarifa! Mas à porta um malandro, em nome do Santíssimo ou em benefício dos pobres, bate uma lata de folha, onde cantam os patacos a sinfonia do óbulo, a taxa de entrada, o preço dos retábulos, dos altares, dos púlpitos, do próprio Cristo...

Os museus desde duas a dezoito liras abrem pontualmente as suas portas e bilheteira, talvez mesmo fazendo saldos fim de estação ou abatimentos por motivos de balanço.

O artista pobre, o artista modesto, limita-se a cheirar cá de fóra o banquete artístico em que os ricos se espojam, numa empanturradela de dollars e de libras.

Aos domingos e dias feriados há bôdo! Entrada gratuita de feira, mais restricta e mais breve, em que todos finalmente podem abancar num rega-bofe artístico. O artista pobre, aquele miserável que só possui chispa em lugar de patacos, só uma vez por semana pode matar a fome que o aflige, porque só uma vez por semana tal lhe é concedido.

O italiano cai de cócoras perante os seus museus.

■ **TODOS** nós nos lembramos daquela célebre *lei das mutações bruscas* que se estuda num dos capítulos mais interessantes do programa de sciências naturais nos liceus: — *a evolução das espécies*. Decerto todos se lembram também que essa lei é devida a *H de Vries*; mas o que poucos calcularão talvez é que ainda é vivo esse notável homem de sciência, hoje um velhinho venerável, que acaba de completar 80 anos no seu retiro de Lunteren (Holanda).

Orgulha-se da sua limpeza, proclama a sua bela organização, o seu valor, a sua incontestável magnificência, mas esquece-se do mercantilismo a que os reduziu, quando a França — por exemplo — nos dá o Louvre, êsse colosso de Arte, por dois míseros francos e muitos outros mais por igual preço, sem lhes restringir a limpeza, a magnificência, a organização e o seu valor!

Que se estabeleça uma pequena quantia para ingresso nos museus, aceita-se em princípio; mas como em Itália elevar essa quantia ao domínio exclusivo das posses de capitalistas abatados, é fazer da arte uma hipoteca deplorável, um balcão sórdido de mercantilismo duplamente condenável.

Creio piamente que êsse dinheiro o aplica a Itália no sustento exclusivo da sua arte e dos seus museus.

Mas porque será que tantos outros paizes se não servem de tal processo?

Em Portugal, sôbre o caso, o po-vinho cantaria ao som duma guitarra:

... Antes pobre mas honrado
do que rico mas ladrão...

Quando entrei em Itália acompanhava-me um desejo louco: Vêr museus! Vêr maravilhas! Vêr belezas!

Vi-as, gozei-as, maravilhei-me! Mas na volta, ao pêso dos grandes ensinamentos que obtive, senti a leveza monetária por toda aquêla troca de Arte por dinheiro!!!

Estamos quites amigo Mussolini...

Fevereiro de 1928

LICINIO PINHEIRO PERDIGÃO

P. S — Parece que o meu último artigo — «A Maternidade do Sr. Ministro» — provocou um sucesso que eu estava longe de esperar, agradando a gregos e desagradando a certos troianos.

Servindo-me duma expressão empregada em *editorial* do P. A., eu não pretendi *escachar* ninguém com aquele meu artigo, mas apenas defendi, como soube e segundo o meu feitio, interêsses legítimos que bem podemos chamar académicos.

Não faltou até quem, nas colunas dum jornal, viesse discutir, atacando, o meu artigo. Ora como considero inaceitáveis os argumentos com que me atacam, e como por outro lado não tenho o direito de me servir das colunas do P. A. para sustentar polémicas, enviarei resposta ao director do jornal onde fui atacado que será publicada se assim ele o êntender. — L. P.

USE MURALINE

NA
PINTURA DE SUA
CASA
A Melhor Tinta a Agua

R. do Almada, 30-1.
PORTO-Telefone: 2571

ESTUDANTES :
O
PORTO ACADEMICO

PRECISA DAS
VOSSAS ASSI-
NATURAS E
DA VOSSA CO-
LABORAÇÃO,
PARA CORRES-
PONDER Á SUA
VERDADEIRA
FINALIDADE.

Dr. Bernardino da Silva

Clínica Geral

...
TRATAMENTO ESPECIAL
DAS DOENÇAS DA PELE

...
Rua 31 de Janeiro, 100-2.
Consulta das 4 ás 6

Dr. Jaime de Magalhães

...
DOENÇAS DA GARGANTA
NARIZ, OUVIDOS E BOCA

...
Rua Santa Catarina, 108-1.
Consulta das 9 ás 12

Dr. Cristiano de Moraes

Director da Maternidade do Porto

...
DOENÇAS DAS SENHORAS
PARTOS E SÍFILIS

...
Rua 31 de Janeiro, 115-1.
Consulta das 4 ás 6

SÓ O MAGAZINE

PODE
LEVAR A UMA
CASA
Cultura e Distração

O "Magazine Bertrand"
é a revista das familias

ESTUDANTES :
A
VOSSA ASSOCIAÇÃO

NÃO PODE COR-
RESPONDER AO
ELEVADO FIM
QUE É DESTI-
NADO ÁS AGRE-
MIAÇÕES DA
SUA NATUREZA
SE A DESAM-
PARARDES.

CASA VALENTE

JOSÉ VALENTE

R. 31 DE JANEIRO, 210-TEL. 1892

— P O R T O —

— por todos os motivos a
— mais recomendavel ás
— familias dos estudantes —

...

MODAS E CONFECÇÕES

T H E

RILEY INSTITUTE

OF LANGUAGES AND COMMERCE

PORTO ■ LISBOA

|| INSTITUTO ESPECIALIZADO NO
ENSINO PRATICO DE LINGUAS
E COMÉRCIO. PROFESSORES
NACIONAIS E ESTRANGEIROS ||

DIRECTOR: EDMOND E. RILEY

R. DA BANDEIRINHA (LARGO DO VIRIATO) - PORTO
